

Nunca Se Esqueça

(releitura do *Hino da Pérola*, texto gnóstico do século 2º)

Lucas M. Carvalho

A

Já houve um tempo em que o homem não sabia contar com números ou usar o fogo para preparar carne. Mas jamais houve um tempo em que o homem não soubesse contar histórias. A primeira capacidade do homem é existir; e segunda é morrer; a terceira, mesmo antes de perceber, é a de *imaginar*. O ato de contar histórias é inerente à existência – se alguém vive e não fabula, não está existindo. Tento me lembrar dos primeiros contos que ouvi na infância, e noto que não há fronteira entre uns e outros e minhas próprias memórias – pois as minhas lembranças são, também, fábulas.

B

Chegar à história a seguir não foi fácil. Há uma teoria de que todas as histórias são uma. Aquele conto eterno, antes do tempo, pertencente à ordem do sublime, que não pode ser pensado nem escrito em língua humana – pois a linguagem sempre expressa menos e mais do que deveria. Essa história, gravada no coração, manifesta-se imperfeita em todas as incontáveis lendas declamadas em volta das fogueiras de todas as civilizações, e de todas as variações de declamadores, e mesmo de diferentes vezes que um mesmo declamador a conta. O mundo é pequeno para conter todos os mundos que contém.

C

Sempre imaginei que o personagem perfeito fosse uma criança. Quando leio *Don Quixote*, tenho lampejos da imagem dela no cavaleiro que viaja sempre em descompasso com a realidade que encontra. *Hamlet*, que nem de longe lembra uma criança, torna-se menino justo no momento em que sua ira insana o faz demasiado humano. Em cada sonho seu rosto se revela, nunca completo, nunca em todas as cores. Mas ele está lá. Ao tomar nas mãos um livro e ler um caso, sei que ele é reflexo de outro anterior; e este de outro, sucessivamente, como um jogo de espelhos. E todos os espelhos, dispostos numa circunferência

de diâmetro infinito, apontam para esta primeira história, e este menino: o personagem perfeito.

D

Imagine que esta é a História Primeira, e este é o Menino Perfeito. Imagine que o estou desenhando na ponta do lápis. Sim, disse que é impossível expressar essa história com língua humana; mas dentro de uma fábula tudo é possível. A verdade disso não precisa ser questionada, pois este é o espaço em que as coisas são mais verdadeiras que nunca.

E

Esta história é sobre *Amor*.

F

Havia, há muito tempo, num lugar do qual gostaria de lembrar o nome, um príncipe. Sua morada era acima dos montes e através das estrelas. A janela de seu quarto estava no topo da torre de ametista, depois dos oito mil andares de escadarias espirais – e dali ele podia ver os planetas sem fim, e suas luas, e a dança dos luminares, e o manto de Andrômeda pulverizando tons púrpuros. Ali o príncipe caminhava descalço com seus Pais que o nutriam; ali ele era conduzido pela mão através de infinitos corredores, recebendo a mais pura expressão de reverência. Chamavam-no “herdeiro”, o mais alto título das ordens e das eternidades.

G

Então chegou o dia. Havia um momento para o qual estava predestinado, quando os astros se alinharam e as cordas do tempo e dos espaço se esticaram; quando os grãos de areia pararam de cair e as cachoeiras terminaram de espalhar suas águas por todas as plataformas dos jardins sobrepostos. Aninhou-se em seus cobertores de seda sobre a cama como uma lagarta, ouvindo a música dos céus. Naquele momento, no limite de seu tempo, e que também era o berço de seu tempo, ele sabia que algo além de seu entendimento aconteceria.

H

E os lábios dos Pais se abriram, e disseram: “Tu descerás à terra do Egito e trarás de lá a pérola que está sob poder da serpente.” Ele não compreendeu aquelas palavras, mas respondeu que tudo faria por amor a seus Pais. Eles o abraçaram, o cingiram com uma túnica púrpura de medida exata, e cravejaram-na com diamantes, ouro e esmeraldas. Seus pés descalços receberam sapatos. Foi-lhe preparado um tesouro, leve, para que pudesse carregar, mas cujo valor confundiria os reis da terra. E gravaram um pacto em seu coração, para que jamais se esquecesse, e lhe fizeram as mais altas promessas – as quais ele até então não tinha ouvido, e que as páginas deste livro não seriam capazes de comportar. E soube que teria um lugar com seu irmão mais velho, e ao lado de seus Pais, se conseguisse trazer a pérola e cumprir a jornada. Sob os cumprimentos de todos, o menino sorriu. E sua mãe o abençoou e virou as costas, pois não quis vê-lo partir. Ela chorava, mas o menino não compreendeu, porque nunca vira tal ato.

I

A descida era longa, e o menino foi tomado por profunda tristeza. Numa casa de tijolos, mais abaixo, um velho homem esperava pacientemente.

“O que faz um jovem tão bem vestido no caminho para as Terras Baixas?”

“Procuro o caminho do Egito”

“Continua a descer, depois segue mais ao ocidente. Vejo que estás triste, e pergunto-me o que pode causar tanta tristeza.”

“Tenho medo. A descida tem sido solitária. Eu chamo por meus Pais, mas eles não respondem.”

“Tens uma missão a cumprir?”

“Sim.”

“Então cumpra-a”.

O menino passou as costas das mãos na testa e sentiu um líquido quente.

“O que é isto?”

“O nome disso é suor. Precisarás beber água se quiseres prosseguir. Há um rio de águas frescas mais abaixo, além da floresta. Pega isto: é pão. Precisarás, também, comer. Na floresta encontrarás animais selvagens.”

“Não compreendo nada do que dizes”

O ancião, paciente, conduziu-o além do vale e mostrou a floresta.

“Darei as coisas que precisas, mas não será assim daqui para frente. Os homens apenas te darão as coisas em troca de teu ouro.”

“Por que agiriam assim?”

Agradeceu, provou o pão e desceu.

J

Por mil anos desceu a montanha. A cada passo que dava, deixava de ser um menino: crescia em altura, em robustez, cobria-lhe o rosto uma barba densa. No pé da montanha, o homem chegou a uma floresta.

K

“O que está acontecendo... O que...”

A mão trêmula cobria o dorso, de onde um líquido vermelho e quente escorria.

“Ele me atacou... aquele animal... Por quê?”

O homem, confuso e soluçante, recostou-se numa árvore. As presas tinham-lhe penetrado a costela. Seus olhos arregalados e seus pulmões, cuja força para puxar o ar era quase inexistente, estremeceram com a intensa e terrível sensação.

“Pare... pare... tem que parar... Por favor”

Mas a sensação não parava. Fechou os olhos e desejou não estar ali. As horas se passaram, e com os dentes cerrados, o príncipe não compreendia. Então o sol se escondeu sob os montes.

“Não! Não parta! Fique! Eu imploro!”

Mesmo com a dor, pôs-se de pé e correu ao horizonte, gritando cada vez mais alto, enquanto a temperatura caía e os céus tornavam-se escuros. Correu pela mata, mas não chegou longe - a noite veio, a penumbra envolveu-o. No chão, não piscou os olhos de tanto pavor.

“Ele se foi... O sol se foi. Viverei na escuridão para sempre e morrerei congelado.”

L

Quando o sol nasceu, na manhã seguinte, o homem estava exausto. O sangue tinha coagulado. E ele percebeu que tal dor continuava latejante, porém suportável. Percebeu que o sol voltara, e se movia no céu, e que por isso em

breve se esconderia de novo – o que não significava um frio ou escuridão eternos. Pôs-se de pé e sentiu o estômago apertar. Lembrou-se do pão que o velho lhe dera, que já havia acabado, e entendeu que precisava comer. Tentou comer a grama do chão, as cascas das árvores – cuspiu e vomitou. Tentou comer terra, mas não conseguiu engolir muito. Finalmente encontrou pequenas frutas, que eram de um sabor tão doce que fizeram se lembrar vagamente de sua antiga morada.

M

Há, a centenas de milhas ao ocidente daquela floresta, uma terra árida que se estende até o Nilo. Quando o homem a alcançou, seus olhos arderam com o reflexo do branco deserto.

Uma caravana de camelos seguia para o sul.

“Amigos!” gritou ele, sacodindo os braços e avançando pela areia.

A caravana desviou o caminho e foi ao seu encontro.

“Amigos, preciso de alimentos”

“Por que um homem tão bem vestido vaga errante pelo deserto?”

“Estou procurando o Egito”

“Para lá nós iremos. Virás conosco, se nos deres de teu ouro. Qual é teu nome?”

“Sou do País Alto.”

“Sou Zigurate, da Babilônia, e meus companheiros.”

O homem pegou seu tesouro e deu-o aos homens.

“Tu não sabes nada sobre o mundo, não é? Um homem jovem e sozinho, com um tesouro como este. Outros mercadores teriam-no tomado à força e te vendido como escravo”

“Por que fariam isso?”

“Por que não fariam?”

Foi permitido que ele montasse num dos camelos, foi-lhe dada água. Prosseguiram pelo calor escaldante das dunas.

“O Egito está depois do deserto. Tuas roupas são muito suntuosas, rapaz. Chamarás atenção.”

“Obrigado pelos conselhos, senhor.”

N

No horizonte viu as pirâmides, a cidade, a Esfinge e o povo. Viu escravos sendo açoitados, e teve medo de ser reconhecido como estrangeiro; e por isso vendeu suas vestes cravejadas em diamantes e esmeraldas, e seu manto púrpuro, e vestiu-se como um egípcio. Assim misturou-se entre eles. O homem levou muitos dias procurando diligentemente a respeito da pérola e da serpente, mas a tarefa não foi fácil. Perguntou aos sábios, aos mercadores, aos soldados, aos magos e aos sacerdotes. Um homem desconhecido foi o único a responder com verdade: “A serpente habita nas profundezas de uma mina ao norte. É poderosa e traiçoeira. Precisarás preparar-te.”

O

Naquele mesmo dia, desceu as minas. Ouviu um ruído terrível, que por pouco não fez sua alma desprender do corpo, e viu a sombra da criatura imensa. Contudo, pelo eco, sabia estar ainda longe. As lendas diziam pouco da serpente, pois seu nome não podia ser pronunciado, e acreditava-se que a maldição era tão grande que apenas olhá-la era suficiente para inundar seu destino de males. O rapaz retornou à superfície e acampou, para esperar a criatura dormir antes de buscar a pérola. Porém, no dia seguinte ainda teve medo. Alguns homens jovens que disputavam corrida em cavalos o encontraram:

“Quem fazes aqui, homem?”

“Estou numa missão.”

“Não pareces feliz. Vem conosco te divertires um pouco.”

“Não posso. Estou muito perto de cumprir meu objetivo.”

“Do jeito em que estás, não conseguirás nada. Precisas rir, beber, conhecer mulheres. O mundo tem muito a oferecer.”

“Não me parece boa ideia.”

“Não há mal nisso. Depois poderás terminar o que tens de fazer. Tuas vestes são egípcias, mas teu falar é estrangeiro. Já provastes a comida desta terra?”

“Não.”

“Não é justo que um homem viva sem ter provado a comida do Egito. Venha conosco.”

P

A carne girava sobre o fogo, coberta por crosta de sal e gordura, e era acompanhada por vinho, cerveja e música alta. Seus amigos, que riam em voz

alta e contavam histórias obscenas, levaram-no de volta à mina no dia seguinte. Porém, ele estava cansado, e tinha mais medo, e pensou que poderia aproveitar mais desta terra antes de descer à criatura. Naquela noite divertiram-se novamente. Ele aprendeu a dançar, aprendeu a arrancar risadas da multidão com seus tropeços e vômitos. Aprendeu a se meter em arruaças e brigas. No quarto dia, esqueceu-se de voltar às minas, e dormiu com as meretrizes.

Q

Os resquícios de seu tesouro, que agora era pequeno, ainda pagava o vinho para todos. Certo dia, um de seus muitos amigos, homem de pele dourada de além das fronteiras de Maishan, perguntou seu nome real, de onde vinha e de quem era filho. Os olhos giraram na órbita em busca da resposta, e só conseguiu dizer “do outro lado do deserto”. Depois de algumas bebidas, este amigo alterou-se; Eles brigaram, lutaram, cimitarras gritando em impactos de ferro, um corpo rasgado em sangue. Uma morte. O corpo foi jogado longe e a cena seria apagada pelas brumas da embriaguez.

R

“Amigos, que faremos hoje?”

“Corridas, apostas. Podemos viajar até Babel e provar de uma bebida feita de mel.”

“Sim, desejo ir convosco. Mas não tenho ouro.”

“Que aconteceu com teu dinheiro?”

“Gastamos nas meretrizes, todos nós.”

“E teus diamantes? As esmeraldas? Os rubis?”

“Bebemos nos odres de vinho.”

“Não podemos viajar sem dinheiro.”

“Façamos outra coisa.”

“Nada neste mundo se faz sem dinheiro.”

“Eu imploro, amigos, levem-me consigo!”

“Iremos cada um para sua parte. Eu voltarei ao Eufrates, eles aos oásis da Pérsia. Um dia, veremo-nos.”

S

O homem já não tinha mais que o fino e sujo tecido que lhe cobria a pele. Vendeu seus sapatos para comer pão, e a partir daí passou a endividar-se.

Mendigou de cidade em cidade, aprendeu a roubar, saltar caravanas. Era humilhado por outros ladrões. Certa vez, um de seus credores o emboscou e exigiu o pagamento; como não lhe podia fazer, tomou-o por escravo. Foi açoitado e obrigado a arar a terra. Foi vendido para mercadores que o levaram para uma terra estranha, onde, sob a vara e golpes de bastão, construiu monumentos para deuses de bronze. Sua carne sangrava; os ossos dos pés estavam partidos. Dentes se perderam, e as carnes estavam magras. As mãos eram bolhas e calos e pele rompida. Tornou-se rebelde, arisco. Foi vendido para outro senhor. Nesta nova casa, valia menos que os cavalos. Rebelou-se, tentou forçar uma fuga. Seu senhor, pela insolência, humilhou-o perante os outros servos, despiu-o e, com uma brasa, lhe furou os olhos. O calor do fogo destruiu a carne e fê-lo urrar de dor.

T

“Por quanto queres me vender este escravo?”

“Meio ciclo de bronze.”

“Tão pouco?”

“Não sou capaz de fazê-lo trabalhar. É cego, feio como um monstro, manca, recusa-se a falar. Se tu fores capaz de encontrar-lhe utilidade, compra-o.”

“Não o sou.”

“Então matarei este desgraçado.”

“Solta-o no deserto, para que o sol o mate, e suas mãos não se sujem com seu sangue.”

U

Lançado da corcova do camelo, seu rosto atingiu as dunas e sua boca encheu-se de areia. Ficou ali por muito tempo. Depois vagou, não se sabe se para o leste ou para o oeste. Sabia que era dia, pois sua pele ardia e queimava. Pelo acaso, encontrou beduínos que lhe deram água. Num canto esquecido, entre o sono e a vigília, foi surpreendido por alguém. Uma pessoa, silenciosamente, tocou-lhe o rosto, depois os braços, e abriu sua mão direita. Ali, deixou uma carta e afastou-se.

V

“Alguém! Alguém! Eu imploro!”

“Diga, homem.”

“Obrigado... Não quero dinheiro... Apenas leia para mim esta carta.”

“Uma carta?”

“Uma carta para mim. Sou cego, e não posso ler.”

“De parte de teu pai, o Rei dos Reis, de tua mãe, Senhora do Levante, e de nosso segundo, teu irmão, ao nosso filho no Egito, saudações! Acorda e desperta de teu sono. Ouve as palavras de nossa carta! Lembra-te que és filho de um rei; vês a quem serviste em tua escravidão. Pensa outra vez sobre a pérola, a razão pela qual viajastes ao Egito. Lembra-te de tua veste gloriosa e de teu esplêndido manto para que possas outra vez vesti-los e usá-los como ornamentos, e para que teu nome possa ser lido no Livro dos Heróis, e com nosso sucessor, teu irmão, possas ser herdeiro em nosso reino.”¹

W

E o homem chorou amargamente. Poderia pensar em muitas dores: a de saber o que poderia ter sido e não foi, de se compreender o esplendor no qual pisara. Mas não houver dor pior do que a de lembrar-se do Pai. A decepção em seus santos olhos faria com que desejasse esconder-se para sempre. Desprezou-se, odiou-se, cravou as unhas nas coxas. O arrependimento fragmentou sua alma em pedaços, pior que o pior dos abismos. Daria tudo para que o passado fosse desfeito. Seus lamentos ecoaram terrivelmente pelos desertos. Então o peito inflou-se de ira, e vontade, e pensou na serpente, e odiou este mundo e todas as suas mentiras. Então entendeu. Foi revestido de compreensão. Seu Pai estender-lhe-ia a mão novamente, se ele não mais errasse – e ele não mais erraria, pois era um novo homem. Pôs-se de pé e voltou a buscar o Egito, vivendo de esmolas, vagando de terra em terra como menos que uma sombra.

X

E depois de anos encontrou a entrada das minas. Suas mãos magras empunharam a Espada, e suas pernas fatigadas desceram. Com seus ouvidos percebeu o ronco da serpente, e moveu-se por seus labirintos. Não tinha medo da morte, e a escuridão já era sua casa. Vagou errante por três dias e três noites, evitando a serpente, tentando emboscá-la, num complexo jogo. Num momento perfeito, fincou a espada através da cabeça do animal, e em seu ninho, entre os

¹ Trecho extraído integralmente do Hino da Pérola.

ovos, encontrou a pérola. Segurou-a nas mãos e chorou, imaginando como seria bela.

Y

E essa pérola hoje reluz através das páginas de todas as histórias já escritas. E essa pérola, assim como o rosto do menino, multiplica-se em todos os símbolos que o olho humano observou ou irá observar. A linguagem é falha; o Amor é eterno. Depois, quando já um homem velho, o Perfeito iniciou a subida do monte de volta ao lar. Conforme subia, as marcas eram apagadas. A pele tornava-se limpa. Os olhos voltaram a enxergar. Vestiu-se de novo com o manto cravejado em brilhantes, e, dessa vez, o manto da Vitória. Já não era um menino, mas ainda o era – como todos nós.

Z

sobe aos umbrais das boas vindas
inclina a cabeça perante seu Pai
o rosto é tão familiar que não entende como pudera dele ter se esquecido um
dia
sua Mãe sorri com a intensidade de todos os sóis
todos cantam hinos de alegria
pois ele cumpriu a missão
e recebeu as promessas
e foi ascender para herdar todas as coisas e conhecer todas as coisas e criar
todas as coisas e amar todas as coisas
e amar